

Antologia de escritores Contemporâneos

Volume 10

Setembro/2020
1ª Edição

Copyright © 2020 *by* autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido no Código Penal.

Direção Editorial: Ações Literárias Editora

Organizadora: Dolores Flor

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L632a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)
Antologia de escritores contemporâneos /
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.).- 1. ed. - Sinop,
MT: Ações Literárias Editora, 2020.

114 p.; 14x21cm.

Volume X

ISBN 978659901493-2

1. Literatura brasileira - poesia. 2. Versos. I.
Título.

CDU 82-1

CDD B869.91

Índices para catálogo sistemático

Literatura brasileira: poesia 82-1

Literatura brasileira: poesia B869.91

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350
FONE (66) 99643-5501
www.escritorescontemporanos.com.br

SUMÁRIO

Jacinaila Louriana Ferreira	9
Falando com nossa homenageada	12
Toda encaracolada... ..	22
Identidades	23
Sim, eu me aceito!	24
Voz inaudível	25
ALVO.....	26
I can't breath	27
Desmedidas	28
Velocidade	29
Recolho a alma... ..	30
Lago triste	31
Sangue envenenado	32
A cura!	33
Deslimites do ser	34
MARIA.....	35
CHÁCARA PASÁRGADA.....	37
Janete Rosa da Fonseca	39
Das incertezas da vida, a certeza de viver	39
Amanda Lima de Oliveira	42
Poeta destemido	42
Temido amor	42
Kiara Baco Anhon.....	43
"Utopar"	43
Neiva Guarienti.....	45

Lições para uma vida inteira	45
Denis Oliveira	50
"coração profundo"	50
Wagner Xavier de Melo	53
Todo tempo e tempo de amar	53
Vai passar.....	54
Maria Clara Flor	55
Passear	55
Dolores Flor	56
Saudades.....	56
Ireneu Bruno Jaeger	57
Seu Francisco da Silva	57
Bernadete Crecêncio Laurindo.....	60
DESTINO	60
HISTÓRIAS DE LUA	61
Romeu Donatti.....	62
Cartas na Mesa.....	62
Calada Noite Preta	63
Lady Ana.....	64
Castelo de vidro	64
Maria Cristina de Sa Pereira	66
???????.....	66
DEUS EM MIM.....	67
Aparecida Ferreira Luis Galdino.....	68
O livro	68
Eidi Néia Martins.....	69

Escrevo sentimentos.....	69
Hoje é dia de lavar roupa	70
Vania Gonçalves Castilho	70
Maternidade	71
Mary Cloe.....	73
Olhar.....	73
Renascer	74
Simone de Sousa Naedzold	75
O encantador de borboletas X	75
Mafalda Moreno	77
Só	77
Alento	78
Rosane Gallert Bet	79
Andarilho	79
Jocafe	80
Dói Doído.....	80
Desafinação	81
Anna Figueira	82
Identidade perdida a vida esquecida	82
Antonio Cesar	83
Insensatez abraçada.....	83
Marlete Dacroce.....	84
A doce magia "de um sonho"	84
Valores importantes	85
Jean Carlos Dacroce de Campos	87
Seres invisíveis.....	87

Jucieli Ferreira Da Silva	89
Sertão	89
Bianca Luísa Pagno	90
Cordel de um sertanejo	90
Lucineide Fátima dos Santos	92
Doutor das abóboras	92
Emmanuel Bogado	96
Soy un viajero	96
Somos uno	97
Leni Zilioto	98
Paz	98
Iziz de Andrade	100
Na passagem do tempo	100
A Poesia	101
Camila Lazarotto	102
Lembranças	102
Maria Fernanda Ferreira Lopes	103
Ostra	103
Marcilene Cavalcante S. Cervantes	105
O despertar	105
Marilene Sousa Henning	108
Menino do mato	108
Teu jeito de me olhar	109
Manoel Rodrigues Leite	110
SONHOS FALSOS	110

Ao Leitor

É com enorme satisfação que vejo a repercussão das Antologias na região do Mato Grosso bem como em diversos estados do Brasil e inclusive em outros países fez aflorar o interesse dos mais variados poetas e escritores a buscarem a Editora Ações Literárias sob o comando de Dolores Flor a empreendedora que soube fazer a diferença na arte produzir "Literatura", com essa convicção conseguiu aqui formar um time de estrelas alguns valorosos escritores e poetas já foram os homenageados vol.01 ao vol.09 das Antologias de Escritores Contemporâneos sendo por ordem:

Ireneu Bruno Jaeger, Bernadete Crecêncio Laurindo, Marcelo Afonso Portes, Leni Chiarello Ziliotto, Antonio Cesar Gomes da Silva, Marlete Dacroce, Maria Fernanda Ferreira, Valter Figueira, Simone de Sousa Naedzold e o vol. 10 a ilustríssima Poeta escritora **Jacinaila Louriana Ferreira** a qual trouxe em versos magníficos a identidade e a vida dos negros no Brasil desde o silêncio e a dor dentro das senzalas, do sofrimento, as chicotadas dadas na alma no intuito de descaracterizar ou então forçar uma falsa adaptação a vida imperial branca. Segue seus lindos poemas:

Toda encaracolada... Identidades, sim, eu me aceito! Voz inaudível, Alvo, I can't breath, Desmedidas, Velocidade, Recolho a

alma... Lago triste, Sangue envenenado, Maria,
Chácara pasárgada, Deslimites do ser.

Neste contexto destaco a relevância intelectual dos poetas escritores que nesta edição souberam ouvir os seus sentidos organizando poemas e textos em suas mentes para aqui descreverem destacando o amor, a vida, o encantamento, a natureza, os valores da alma, a dor, identidade e renascimentos.

Por isso convido os leitores (as) a percorrerem as valiosas páginas deste livro com um olhar terno de valorização pelo belíssimo trabalho de todos com dedicação e carinho frente a vida compreendendo a percepção de cada verso descrito.

Desejo a todos uma agradável leitura repleta de emoções encantadoras, respeitando a diversidade dos textos como o melhor caminho para a aceitação de diversidade sociocultural.

Dr^a **Marlete Dacroce**. Mestre em Ciências da Educação. Membro da Academia Sinopense de Letras (ASCL) cadeira n.26.

NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES



Jacinaila Louriana Ferreira

Casada com Nivaldo Elias, mãe da Maria Fernanda de 19 anos, modelo, miss, escritora e estudante de Direito e do Fábio Henrique de 17 anos, criador da obra de arte que deu origem a capa da minha primeira obra solo. Cursa o terceiro ano do Ensino Médio, desde cedo demonstra interesse e talento em desenhos e pinturas e por tudo que envolve a tecnologia. Jacinaila é apaixonada pela família, pelo magistério e pela literatura.

Professora por vocação e amor, ela é efetiva na rede estadual de ensino do estado de Mato Grosso, trabalhou inicialmente ainda como contrato temporário em algumas escolas na cidade de Garantã do Norte, aqui em Sinop

foi docente nas escolas São Vicente de Paula, Enio Pipino e Nilza de Oliveira Pipino. Se efetivou na escola Paulo Freire na cidade de Marcelândia, Mato grosso e atualmente faz parte do quadro de professores da Escola Estadual Professora Zeni Vieira.

Mato-grossense de Diamantino-MT, reside em trabalha em Sinop.

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT/ (2009), pós-graduada em Docência do Ensino Superior (2016), pela Universidade Candido Mendes.

Tem experiência na área de Letras, principalmente nos temas que abordam o ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

Escritora de poesias e contos, iniciou lançamentos pela editora Ações Literárias e já participou de mais de 12 antologias, no momento está em fase de lançamento de sua primeira obra solo, o livro Nuances/2020.

Atualmente é mestranda em Letras pela UFRN/UNEMAT campus de Sinop/MT, pesquisadora da escritora Carolina Maria de Jesus, desenvolve o projeto Quarto de Despejo: Temáticas Atemporais para Sala de Aula.

Obras publicadas

- ❖ Nuances
- ❖ Mãe e filha

Participações em antologias

- ❖ Pétalas da vida;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 01;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 02;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 03;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 04;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 05;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 06;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 07;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 08;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 09;
- ❖ Escritores contemporâneos volume 10;
- ❖ Versos de quarentena;
- ❖ Poetas noturnos;
- ❖ Rasuras negras.

Falando com nossa homenageada

Jacinaila Louriana Ferreira

1 - AL: Como você começa os seus textos? Você tem uma rotina?

R: Jacinaila: Meus textos sempre iniciam na mente, penso, me inspiro, organizo, para então, rascunhar. Geralmente uso o bloco de notas do celular, por estar sempre por perto é um dispositivo que me auxilia muito no momento dos primeiros registros e até revisões.

2 – Os textos não-literários contribui com seus processos de construção de textos literários?

R: Jacinaila: Sim, com toda certeza, a teoria literária, as notícias, a prática pedagógica, a história, a ciência, enfim desde o nascer ao pôr do sol me inspiro para o texto literário, visto que, somos feitos de palavras que podem sim, ser organizadas com arte, basta saber ouvi-las, como costume brincar, é só colocar o ouvido na parede.

3 - AL Como foi o seu primeiro contato com a literatura?

R: Jacinaila: Foi encantador e há muito tempo, ainda criança já ouvia um tio recitar poesias de sua autoria e na escola eu amava aquele livro “Caminho suave”, pois além da ilustração era muito rico em textos literários. Também me

encantava pelas cantigas de rodas, músicas que mais tarde descobri serem lindas poesias cantadas. Na minha lembrança um dos primeiros textos que li foi de Casimiro de Abreu, “*Meus oito anos*”, “*Oh! que saudades que tenho/ da aurora da minha vida/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais*”...

4 - AL: Fale-nos um pouco do seu trajeto literário e quando você começou a escrever os contos e as poesias.

R: Jacinaila: Meu trajeto literário começou ainda menina, quando eu fazia cadernos de versos, pensamentos, diários, entre outros. Porém, minha escrita sempre foi algo muito natural, é como se fosse parte de mim, e que para ser eu, precisasse registrar sempre. Além dos meus caderninhos pessoais, também gostava muito das aulas de redação, contos, crônicas, poesias. Era encantador imaginar e perceber que a história me permitia conhecer novos lugares, caminhos, aventuras, imaginação. Somente em 2019, após conhecer o projeto da editora Ações Literárias, comecei a divulgar alguns escritos de minha autoria e até então, sinto-me imensamente feliz por poder além de escrever, compartilhar.

5 - AL: Como é o seu processo de escrita literária? Qual é a sua inspiração?

R: Jacinaila: Posso dizer que é bem natural, a escrita é algo que brota dentro de mim sem

esforços de produção como no texto científico. Meu processo de escrita iniciou-se nas várias leituras e observações. Minha inspiração é a vida, os que sofrem preconceitos, o amor e a falta dele, a natureza, a fome, o sentimento, o racismo que castiga e presunçoso preconceito que destrói. Eu me inspiro ao ouvir as chibatadas nos porões de um navio negreiro e também ao ver alguém morrer por causa da cor da pele. Resumindo, me inspiro na vida e em tudo que me faz pulsar, viver, respirar.

6 - AL: Você é professora, como você vê a literatura hoje na sala de aula no dia a dia com adolescentes e jovens?

R: Jacinaila: Vejo a Literatura em sala de aula como essencial, pois ela humaniza, transforma, liberta e prepara o jovem para o exercício da cidadania. Independente da área escolhida, é necessário um olhar voltado para a escrita e a para a literatura. Quando o aluno lê, conseqüentemente se identifica e a partir de então encontra seu lugar, sua expressão, sua escrita. É a arte da palavra que permite que o jovem, adolescente ou adulto não apenas decodifiquem códigos linguísticos, mas leem entrelinhas, interpretem, atribuem sentidos e efetivem sua escrita.

7 – Qual o papel da literatura na formação de adolescentes e jovens?

R: Jacinaila: O papel da literatura na formação de jovens e adolescentes é de suma

importância, pois ela indica caminhos e cria o sentimento de pertencimento com temáticas que estão presentes no cotidiano do alunado. A formação exige leitura e reflexão, pois é a partir do exemplo que se parte para a prática e forma alunos escritores, seja de números, versos, crônicas, imagens, mas que sejam tocados pela essência da palavra em construção.

8 - Como escolher um título para indicar para a sala de aula?

R: Jacinaila: Em primeiro lugar, é preciso conhecer a turma, considerar o gênero, faixa etária, interesses, entre outros requisitos. Depois é necessário estimular, criar um motivo para esta ação, chamamos isso de motivação. Outro ponto extremamente importante é ser leitor e deixar transparecer sua paixão pelo que propõe. Encontre formas de apresentar o autor, os elementos pré-textuais, um *book trailer*, o trecho de um filme, uma música, um fanzine, uma nova capa e várias outras metodologias. Durante a leitura, converse com eles sobre o que está acontecendo, dê dicas, conte para eles que o dicionário é um ótimo aliado e não deixe o motivo para a ação se perder no caminho... crie intertextos, mostre exemplos na sociedade em que se inserem. O título para jovens não precisa ser novo, atual, mas lembre-se sempre, ele deve ser atemporal, ou seja, precisa estar vinculado ao dia a dia dos estudantes.

9- Qual a melhor forma de ler para os alunos?

R: Jacinaila: Penso que todas as leituras são válidas, mas sinto meus alunos muito envolvidos e interessados quando faço uma leitura dramatizada. Não é preciso grandes recursos, figurinos, cenários... é preciso sentimento, interpretação, olhar nos olhos, amor. A melhor forma de ler para os alunos, é ler com o coração.

10 - AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

R: Jacinaila: Penso que umas dez vezes, talvez, não tenho certeza. Às vezes depois de considerar "pronto", mudo tudo ou partes, outras vezes troco o título. Sim, sempre leio para meu esposo e filhos, mostro para algumas amigas ou posto em uma página de rede social, desta forma consigo sentir a reação do público. No entanto, sinto que não me preocupo muito em "agradar", penso que estou mais para "desagradar", "desassossegar", provocar uma desinquietação por meio de uma palavra verdadeira e que pode sim, fazer uma pequena diferença no mundo e no comportamento humano.

11 - AL: Quais escritores influenciaram o seu processo de criação literária, desde o início?

R: Jacinaila: Na verdade são muitos, é difícil falar sobre todos, mas posso destacar alguns nomes que muito me influenciaram com sua escrita e destacarei também trechos de suas obras que muito me comove, Cecilia Meireles, me encanta com "motivo", quando declara, "eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa/ não sou alegre nem sou triste, sou poeta"... na sequência Carlos Drummond de Andrade anuncia que, "No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho"... Manuel Bandeira, complementa dizendo, "vou me embora pra Pasárgada/ lá sou amigo rei"... Alphonsus de Guimaraens nos traz "Ismália" e diz, "Quando Ismália enlouqueceu, /Pôs-se na torre a sonhar.../Viu uma lua no céu,/Viu outra lua no mar"... Olavo Bilac tem " Profissão de fé" e diz, "Invejo o ourives quando escrevo:/ Imito o amor"... Carolina Maria de Jesus, além de muitas outras traz a poesia "os feijões", e questiona algo que não pode calar, "Será que entre os feijões/Existem o preconceito/Será que o feijão branco,/Não gosta do feijão prêto?", a escritora Cristiane Sobral complementa, "Naquele dia, Meu pixaim elétrico gritava alto/Provocava sem alisar ninguém./Meu cabelo estava cheio de si"... e por fim a autora arremata minha lista de influências literárias por hoje, "Há poemas

que caem/Há poemas que cabem/Como uma luva/E alimentam a alma”.

12 - AL: Quais são os seus próximos projetos literários?

R: Jacinaila: No momento me dedico a publicação da minha primeira obra solo e a participação nas Antologias, esta é décima edição. Também participei de uma antologia intitulada Rasuras Negras, composta por um grupo de sete escritoras mato-grossenses.

Atualmente desenvolvo, juntamente com uma das minhas turmas de nono ano do Ensino Fundamental, meu projeto de mestrado a partir da obra, Quarto de Despejo: Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, o produto final será a publicação de um livro com as produções de imagens fotográficas e textos feitos pelos alunos.

13 - AL: Quais são seus escritores / livros favoritos?

R: Jacinaila: São realmente muitos, mas posso destacar aqui entre as prosas e os versos alguns autores que aprecio muito ler suas obras, Manuel de Barros, Cecilia Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jane Austen, Carolina Maria de Jesus, José de Alencar, Machado de Assis, Santiago Villela Marques, Clarice Lispector e claro, não poderia deixar de citar minha mais nova paixão literária, as poesias e contos da minha filha Maria Fernanda Ferreira.

14 - AL: Qual obra sua que você gostaria de destacar?

R: Jacinaila: Bem, não é uma tarefa fácil falarmos de nossos escritos, mas uma obra minha que gostaria de destacar e recomendar é o livro *Nuances*, repleto de temáticas, cujo propósito é compartilhar um pouco do que ouvi, ao colocar o ouvido nas paredes da vida.

15 - AL: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesma se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

R: Jacinaila: Ao longo dos anos, sempre brinquei que meu sonho era ir embora lá para a cidade do Manuel Bandeira, Pasárgada. Hoje, com pés no chão, compramos uma pequena chácara e lá é nossa Pasárgada, lá tem rainha, meu príncipe, minha princesa e meu rei... Eu diria que a escrita me fez voltar a ser criança, pois quando percebo que cresço, corro e escrevo uma poesia, pronto, sou criança novamente, sou feliz!

16 - AL: Qual dica você deixaria para escritores iniciantes, com base em suas próprias experiências?

R: Jacinaila: Escrevam embasados em suas vozes, sua experiência, sua visão de mundo, os outros se encarregam de identificar-se, nem todos gostam do que escreve, essa é a lei da

vida... ouçam as vozes de seus autores preferidos, de sua cultura, família, vivências, alegrias e angústias, permita-se traçar destinos em prosa e versos e ficar gravado em palavras que perpetuam na memória. Finalizo com as simples linhas de uma das poesias presentes aqui,

*“Hoje sou eu/Ontem não lembro
mais/Amanhã serei apenas/Voz.*

Textos da autora

Toda encaracolada...

Cansei de alisar,
Ser lisa,
"Alisada"... ...
De repente,
Me sinto
Toda encaracolada... ...

Agora viajo em ondas... ...
Sou onda,
Águas,
Sou mar!

Pensamentos desenrolaram... ...
Quando meus dedos passeiam... ...
Nos cachinhos a balançar!

Ser assim...
me permite
Ser eu!
Sendo eu,
Embrago-me em meus cachos...
Me jogo e posso me amar!

Identidades

Volume de inteligência
Capacete de poder
Adorno com faixas,
brilhos,
tranças
e turbantes
Pra realçar ainda mais
Minha juba,
Identidade,
exuberante!
O que chamam de bombril
Eu chamo de coroa
Nascer com esse poder
só pode ser dádiva
Divina,
nasci princesa guerreira,
sou negra,
preta,
pretinha,
me empreteci ainda mais
e agora sou rainha!

Sim, eu me aceito!

Essa dor que me arranha
Me impulsiona a gritar
Tenho voz,
Mas às vezes
Me obrigo a calar!

Essa coisa de medo,
Engolir sapos
E até o brejo
Já não passa
Na garganta...

Está seca de ódio,
Repúdio,
Clemência,
Grito NÃO, bem alto!!
E agora não paro
E grito e não paro...
Gritem comigo
Não a anticor
Não ao racismo
Não a dor!
Eu me aceito....
Sim, a empatia
Ao amor!

Voz inaudível

Grita e não quer calar
Não pode
Não deve parar
Sofrimento esgotou
Paciência passou
Limites humanos
Extrapolaram-se...
Arco-íris é colorido,
Flores,
Peixes,
Animais,
Céu azul
O dia é lindo!
Estrelado
Enluarado
Noite espetacular!
Tem frio
Tem quente
Tem morno
Tem gelado
E vários sabores
E gente?
Não pode ter cores?

ALVO

Nasci preta
Não sou alva
Nasci alvo
Da tortura
Da escravidão
Do racismo
Repressão
Não posso mudar minha cor
Mas renascer das cinzas
Em que fui jogada
E gritar
Tornar-me resistente
E ocupar o lugar que é meu
Por direito
Por raça
Principalmente
Por luta
Em nome das cicatrizes
Das chicotadas que ardiam
E dos irmãos de cor
Que partiram
Eu declaro
Que o preto viva livre
Livre da sua ignorância.

I can't breath

Pandêmicos,
Egocêntricos,
Andamos por aí...
Sem forças,
Energia,
Sangue infectado,
Pela indiferença
Dialógica....
Estrutural,
Disfarçada
Na máscara!
Meio anêmicos,
Sem paz,
Sem vida,
Sem direito
A ser ouvido!
Devido a pandemia
Já não durmo mais,
Não como,
Não posso digerir
Tamanhos despropósitos...
Sem hora e data pra parar!
Vírus,
Racista,
Fascista,
Impregnado de caos...
Adentrou corpo
Depois alma,
Sugou a vida em mim,
"Eu não consigo respirar"

Desmedidas

Do tamanho exato da vida,
Despropósitos tamanhos,
Gigantes de natureza duvidosa!
Desmedidas atitudes,
Sem braços,
Sem coração.

Explora
O outro
Não cessa
Nunca para
Não é suficiente
Nunca é!
Jamais será!

A mão de obra rotineira
Cansativa... Repetitiva...
Suga sem compaixão!

Não se pode mais esperar...
Por algo
Infinito,
Círculo contínuo,
De escravidão sem fim...
Sem limite,
Sem honra.

Velocidade

Caminho longo
Perpassado pela velocidade
Do trânsito,
Do homem
Da mudança repentina...

São tons verdes,
Misturados ao sol
Espécies diferentes
Natureza colorindo,
Esvaindo-se,
Dando espaço
A outra natureza
A humana...

Fios já emolduram
esse cenário
Ex-natural
O vermelho no asfalto
Indica partidas
Dos antes,
imortais...

Agora rivais
Homens
Versus
Animais
Natureza, antes mãe
Papéis invertidos
Revezamento de vidas

Subordinada
Violentada
Quase sem forças
Mãe Desesperançada.

Recolho a alma...

Meu verso
É reverso
Da alma suada
E estendida
Amarguras
Escorrem no calor do tempo

Renovada,
Balanço feito folha seca
Com o passar dos ventos...
Vivo solta,
Balançando...

Enquanto a alma se renova,
Me estendo vida afora...
E recolho a alma do varal.

Lago triste

Aparências
Pseudo harmonias
Sinfonia de erros
Dores,
Desalentos,
momentos desatentos,
Falta de amor próprio.
Agora
consumida
desalternância
segue-se o tema
Insistente
ressoante
versos livres
almas presas
aos cantantes sapos
do lago triste
feito de lágrimas
e falsos sorrisos.

Sangue envenenado

Futuro inconstante
Instante marcado
Calado
Mudo
Caos em tudo.

Alegria momentânea
Coração tatuado
Pela mágoa
Perdão nos olhos
Alma perdida
Indigna de amar.
Fácil falar
Quando já correm nas veias
O veneno
Ingerido
Digerido
Incrustado
Irreparáveis
Danos.

A cura!

Estar em casa
Às vezes incomoda
É tranquilo estar sozinha
acomoda
Confortável
Mas não existe conforto
Em ver morrer
O ser mais próximo
Quero ser poupada
Porém poupar
Cuidar-me
E também cuidar
Arriscar-me
Riscar limites impostos
Banir-lhe de seus postos
De servidão...
Romper os limites
Do ego
Centro da dor,
Desamor,
Desgostos,
Vidas em nome de quê?
Sua alma em troca da minha?
Sua partida pela descoberta?
Da cura?
Tomara que vale a pena
E descubram logo
A cura para o mal maior
O frio de corpos ambulantes
Mascarados
Mudos diante do caos...
Corpos que caminham

Sem vida,
Sem amor,
Sem instantes de pensar
Sem momentos de amar.

Deslimites do ser

Limite extrapolado
Destino marcado
Letras embaralhadas
Tontura do desafio,
Constante,
Lastimante...

Desatino de quem vive
Amargura de quem procura
Desamor de quem se amou
Não tenho face,
Nem nome,
Meu nome é inconstância...

De querer
E nunca poder!
Sonhos colocados no barquinho
Escorregaram de minha mão
Mar bravio
Ondas fortes
Levaram meu coração.

Hoje sou eu
Ontem não lembro mais
Amanhã serei apenas
Voz.

MARIA

Para minha filha Maria Fernanda

Moça bonita
Feito Maria
E bonita...
Olhares abismados,
Acanhados,
Assanhados!
A moça era diferente
E diferentes causam
Burburinhos
Então, sua diferença
Era sua maior beleza
Pele feita de maçã
Olhos de jabuticaba
Cabelos em caracóis
Mãos de fada
Fala suave
Adocicada como mel
Defensora de quem vive
As margens de uma sociedade
Por vezes dura e cruel...
Ela mostrou pra que veio
E seu legado não era
Aos desejos libertinos
Satisfazer...
Pois sua missão é maior
É a diva do destino
Deusa que ao ver injustiças

Veio para romper
Com amarras tortuosas
Corruptas,
intoleráveis,
Correntes invisíveis de dor
E solidão!

CHÁCARA PASÁRGADA

Para meu esposo Nivaldo Elias, meus filhos
Fábio e Maria

Enquanto o balanço me leva,
Eleva-me...
Pensamentos voam
Sombras interpenetradas
Pelo sol
Pelo brilho
Ora luz
Ora escuro
Hora de acordar...
Voar até aquele galho
Que balança...
Me encanta observar
Encanta-me lembrar
Neste lugar
Sonho acordada
Olhos abertos
Show dos passarinhos
Galeria de arte
Presente da natureza
Hora de acordar
É de olhos abertos
Que posso voar por Pasárgada!



Escritores

Contemporâneos

Janete Rosa da Fonseca
Aquidauana-MS

Das incertezas da vida, a certeza de viver

A lida no campo, desde menino, fez de Pedro um jovem extremamente tímido e por que não dizer até mesmo um tanto solitário. Dividido entre suas lidas cotidianas, o trato com os animais da Fazenda onde nasceu e cresceu e seu imaginário, assim Pedro passava seus dias.

A Fazenda ficava localizada em uma região de verdes campos, cercada por uma vegetação tão densa que fazia harmonia com o céu azul e que em determinadas épocas do ano, era açoitada pela força cortante e gelada do vento minuano. Pedro cresceu na Fazenda, seus pais trabalhavam na Fazenda, seus irmãos trabalhavam lá também, sua Escola estava situada dentro da propriedade, todas as pessoas que ele amava, na verdade todas as pessoas que o menino Pedro conhecia estavam ali. Então, aquele sempre foi o seu universo.

A adolescência chegou e rapidamente foi embora para um menino que acordava antes do sol nascer para se dedicar ao no campo, os sonhos do jovem rapaz, nunca iam além da porteira.

A vida adulta trouxe para Pedro uma necessidade diferente, uma vontade de construir sua própria família, de ter um sentimento diferente abrigado em seu peito

solitário. Ao fazer o mesmo caminho todos os dias dentro das terras que pertenciam a Fazenda em que Pedro trabalhava, seu olhar encontrou o que procurava, a jovem tão tímida quanto ele, lhe dirigia um sorriso acanhado, sem deixar de ser levemente atrevido, cada vez que seus olhares e seus caminhos se cruzavam. Dos tímidos olhares para a aproximação, o pedido para namorar e o casamento de Pedro e Marta, pouco tempo se passou.

A vida de Pedro mudou radicalmente, era um homem casado agora e logo a chegada de um filho aumentou a família de Pedro. Os anos foram passando, o filho de Pedro cresceu, Marta amadureceu e assumiu o controle de sua família.

E Pedro? Pedro continuava na verdade, exatamente igual, não se percebia nenhuma mudança em seus hábitos, em seu rosto, em seu cotidiano, em seu ânimo. Ele era o mesmo da infância, tímido, solitário, que se ocupava da lida do campo, ia do trabalho para a pequena casa que ficava nas terras dos seus patrões, exatamente igual ao que seus pais fizeram toda a vida. A diferença é que agora Pedro também servia para animar as conversas dos moradores e trabalhadores da propriedade, devido a fama que Marta sua esposa adquiriu por sempre responder por ele aos questionamentos, bem como tomar todas as decisões.

Pouco se ouvia sua voz, as vezes os vizinhos passavam na estradinha em frente à casa ao entardecer e o viam sorvendo mate,

com um olhar que muitos não sabiam dizer se estava perdido em devaneios, ou encantado, contemplando o brincar alegre de seu único filho.

Num entardecer de inverno, Pedro aguardava que Marta o chamasse para jantar enquanto tomava o seu mate, como de costume do lado de fora da pequena casa. Pelo menos é o que Marta pensava ao pedir ao filho que chamasse o pai, uma vez que o jantar já estava pronto.

O menino entrou na casa assustado, dizendo a mãe que o pai não estava lá. Sem acreditar no filho, pois isso era impossível, Marta procurou por Pedro.

A procura se estendeu por toda a noite, os vizinhos empregados da Fazenda, os demais familiares de Pedro, todos se juntaram em uma busca desesperada, porém, em vão. Pedro nunca foi encontrado.

Hoje, vinte anos se passaram, há quem diga tê-lo visto aqui ou ali, com um enorme sorriso no rosto, vivendo tudo aquilo, que em seu silêncio, desejava viver!

Poeta destemido

O poeta não teme o exagero
A loucura
A imaginação
A dor
A vida
Tampouco, o poeta teme o fim.
Pois ele sabe que em cada poesia é possível
recomeçar.

Temido amor

Busquei dar sentido à vida,
Dar sentido a minha dor
E quando encontrei o amor
Revivi minha ferida.
E com medo da partida,
Do duro adeus da morte,
Aos poucos fazia um corte
Tirando você de mim,
Todo dia eu via o fim
E isso não me fez forte.

Kiara Baco Anhon

Sinop-MT

“Utopar”

O que há em mim
Há em você, há em todos
A voz, a luta, o grito, o gesto
A fé.

Fé de uma nova sociedade
Nova vida
Nova utopia.

Um mundo pós “apocali-vid”
Reconstituído e renovado
Das traças de um vírus.
Um mundo pós mudança
Transcendente de um passado desequilibrado
Que agora se ergue na esperança.

Um mundo “pós reflexões” exemplar
Pessoas indo e vindo
Livre e soltas
Com mais vida no olhar.
Sem muros do passado
Mas, escadas para o futuro
Futuro mais amável, mais acolhedor
Mais empático.

Sem diferenças entre
Nossas cores
Nossas classes

Raças e nossos ideais
Já que no mundo pós "apocali-vid"
A mudança mais radical
É a mudança de consciência
Consciência que não deve haver diferenças.

Eu "utopei"
Eu "utopo"
E nesta utopia
Convido-te a "utopar"
Para que este futuro
Se torne logo o hoje,
O AGORA.

Neiva Guarienti

Lucas do Rio Verde-MT

Lições para uma vida inteira

Vivi minha infância inteira na roça. Cresci trabalhando com a enxada, cortando pasto para o gado, dando milho para as galinhas, tirando leite de vaca, apartando bezerro. Comia fruta tirada do pé, descansava à sombra das laranjeiras, brincava com pedaço de pau, nadava na sanga, brincava até o escurecer, admirava o pôr-do-sol.

O mais importante de tudo foi ter passado todo esse período ao lado dos meus pais e, inesquecivelmente, juntinho das minhas avós, tanto materna quanto paterna. Os avôs... Uma dor que aperta o peito e dá aquela vontade de chorar... Os avôs eu nem conheci. Já haviam ido embora dessa terra.

Mas as avós fizeram parte da minha infância.

Com a minha avó materna aprendi a costurar, tricotar, cozinhar.

Com minha avó paterna, tão pequenininha, tão meiga, tão doce, mas forte, corajosa, guerreira é que conheci os principais valores da vida: paciência, amor, carinho, respeito, firmeza, confiança e gratidão.

Certa vez, lá no pasto onde meu pai criava gado, um bezerro ainda pequeno foi machucado por um boi grandão. Mas não foi só um pouquinho não. O touro feriu o pobre animalzinho com seus chifres enormes e pontudos, quase arrancando seu intestino para fora.

O bezerro já estava praticamente morto quando um vizinho nos avisou sobre o acontecido. Estávamos em casa somente minha avó e eu. Então fomos até o pasto, que ficava há uns dois quilômetros de casa.

Chegando lá, não acreditamos no que nossos olhos viam: o bezerro estava deitado no chão, todo sujo de sangue, todo machucado, mas ainda vivia. Comecei a chorar. Minha avó, com a sabedoria que a vida lhe ensinou, me tranquilizou dizendo:

— Calma, minha filha! Seja paciente! Não se preocupe, pois ele irá ficar bem.

Eu fui me acalmando e acreditei nas palavras de minha vó. Afinal, ela nunca mentia.

Levantamos o animalzinho frágil e muito fraco. Demos-lhe um pouco de água, amarramos uma corda no seu pescoço e fomos seguindo a pé até nossa casa.

Foi um longo caminho. Talvez uma hora ou duas, pois o bezerro andava devagar,

cambaleava, mas seguia conosco. Parecia que ele também confiava em minha avó, assim como eu.

De vez em quando, observava a expressão de minha vizinha. Ela seguia firme e forte, puxando aquele animal quase morto.

Quando chegamos em casa, ela alojou-o no curral. Disse-me:

— Devemos tratá-lo com amor. Aí ele ficará bom logo, logo. Não deixe faltar água, milho, pasto. Mas precisamos também curar seus ferimentos.

A partir daquele dia, eu ficava a maior parte do tempo ao lado do Ferido. Foi esse o nome que escolhi para ele, uma junção de Fé com Querido. E não lhe deixava faltar nada: nem comida, nem água, nem curativos, fazendo como minha avó me ensinara.

De vez em quando aparecia um vizinho ou um primo ou um amigo para “visitá-lo” e sussurrava: “Esse bicho não sobrevive”. Eu não dizia nada e chorava baixinho. Minha vó percebia e me ensinava:

— Alguma vez a vó mentiu para você? Com carinho e cuidados, ele irá melhorar.

E eu pensava: “Minha avó sempre com as palavras certas na hora certa”.

Os dias foram passando, Ferido foi ficando melhor, já comia e bebia sozinho, os ferimentos começavam a cicatrizar. De vez em quando o levávamos até um gramado verdinho, que ficava perto de casa, para ele pastar um pouco.

Ferido crescia forte, mas amoroso. Minha avó ao meu lado me doutrinava:

— Trate os animais com respeito, que eles serão verdadeiros amigos.

— Pode deixar, vó – eu respondia, pois sabia que ela dizia a verdade.

E realmente Ferido se curou. Ficou um boi enorme, bonito, mas carinhoso comigo e com minha vizinha.

Então, certo dia, ouvi meu pai dizendo a minha mãe que matariam o Ferido, pois o Natal se aproximava e a parentada viria lá para casa festejar essa data. Saí desesperada correndo contar tudo a minha vó.

— Seja firme, minha neta. Na vida, nem tudo é fácil. Mas eu vou dar um jeito. Você confia?

— Sim, vó. Eu sempre confio na senhora – respondi.

Minha abençoada vó conversou com meu pai, explicou-lhe do meu carinho por Ferido. Meu pai percebeu que Ferido era meu amigo e

que eu ficaria imensamente triste, caso algo ruim lhe acontecesse. Então desistiu da ideia de matá-lo. Ferido ficou conosco até o dia em que morreu de velhinho.

E assim foram muitos os ensinamentos de minha vó, que hoje não está mais ao meu lado, pois foi embora dessa terra, assim como o Ferido.

Mas dentro do meu coração, a sua lembrança, as suas palavras, os seus princípios me conduzem por onde quer que eu vá. Sei que ela ainda me acompanha e olha por mim. Sou eternamente grata àquela que me ensinou lições para uma vida inteira.

Denis Oliveira

Ibiporã-PR

"coração profundo"

Os seus olhos só refletem o que o seu coração está cheio.

Ela é assim um enigma e um teatro sem fim

Procure sua felicidade sem depender das pessoas.

Bola pra frente, porque pra trás é gol contra.



Essa menina é um furacão, moço. Mas o amor também é.

Não choro mais, agora sorrio, só rio, sou rio, mergulha em mim.

"Estou em construção, não repare a bagunça.

Sua alma era tão fria que congelou seu coração

A fé vai me levar onde os fracos nunca vão pisar.

Sou igual a dinheiro... Difícil de ter... Sorte de quem achar...E azar de quem perdeu!

Ela dava conselhos que nem ela mesmo seguia.

Porque assim como as estações a vida é feita de fases.

Machucado é que nem amor não retribuído, na hora dói, cria ferida, mas depois passa e você nem se lembra mais.

Menina o céu todos os dias torce pelo seu sorriso

Mas moço, olha só para ela, dá para ver que ela está perdida em si mesma.

Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida

Ela é tipo um trevo de quatro folhas, difícil de encontrar e sorte de quem tem!

O mundo interverteu e agora quem não te quer, sou eu!

Às vezes ferida, mas sempre florida

Vai se despir dessas lágrimas e vestir a tua melhor risada. Vai se despir da tristeza, e vista toda a sua beleza!

Amor, não é por nada não, mas vai ter que se esforçar muito pra entrar no meu coração

O que for pra ser será, tudo tem seu tempo e cada coisa tem seu lugar!

E o que for ruim, que o vento leve

Eu nunca dei certo com ninguém, mas queria tanto que desse certo com você...

é incrível como tudo muda tão rapidamente

Quanto mais improvável e mais difícil, mais eu me interessou.

E hoje ela se mantém firme em um caminho reto, sem curvas, sem ao menos olhar pra trás.

Se liga vacilão, dentro dela também bate um frágil coração

Deixe a energia do som te levar a vibe positiva solta pelo ar.

Ela é muito de fases, um dia tá na melhor fase da sua vida, no outro quer sumir.

Aceitando ou não, querendo ou não, as coisas mudam. E as pessoas também.

Você atrai o que transmite!

Uma hora toda essa tempestade vai passar e eu vou ficar bem de novo.

Aprendi que ou você se fecha demais ou você se machuca demais.

Mas deixa o tempo falar... tô precisando voar.

Wagner Xavier de Melo

Magé-RJ

Todo tempo e tempo de amar

No sonho que te beijei, acordando me lembrei
Uma linda flor desconhecida
Que dormindo contemplei,
e me apaixonei.

No sol da manhã tão dourado
O brilho mar, reflexo ensolarado
As gaivotas livres a voar
As horas do ir querendo ficar.

Os contos do coração
As páginas do livro que me perfuma
A luz do seu olhar
Seu lume a me encantar.

As lágrimas do meu silêncio
A paixão não revelada
Me perco e me encontro
No amor, nas madrugadas.

Vai passar

O sorriso largo voltará
Nas esquinas a gargalhar
Contando histórias e anedotas
Bons amigos se abraçar.

As máscaras cairão
As flores brotarão
O tímido coração
Alegria de um botão.

O dia irradiante
O brilho do olhar
As noites contempladas
Estrelas lindas iluminadas

A esperança do agora
O amanhã que com fé aflora
O cuidado do divino
Eis que vem sem demora.

Maria Clara Flor

Sinop-MT

Passear

Gosto de passear
Na rua
No parquinho
Na sorveteria
Na casa da vovó.

Gosto de viajar
Pelos campos
Pelas flores
Pelas águas
Pelo mundo.

Gosto de passear,
Gosto de viajar.

Dolores Flor

Sinop-MT

Saudades

Ficou uma saudade no peito,
Eterna no coração.

Lembranças misturadas na infância
No jeito
Nos passos
No ser.

Lembranças...
Eternas...

Saudades do dia
Saudades do café
Saudades de ti

Ireneu Bruno Jaeger

Sinop-MT

Seu Francisco da Silva

O vô Francisco, velhusco e viúvo, morava no interior. Gente boa. Brincava com os netos e contava histórias de caçadas. A molecada pendia de seus lábios.

Entretanto, Seu Francisco sentia-se meio afadigado. Poderia ter pego o coronavírus. Ai iai iai! Fazer o quê naquele mundão largado, verdadeiro cafundó. O pessoal da vila comunicou a capital e eles disseram que mandariam um helicóptero para buscá-lo. Fizeram um interminável sermão de coisas que não pode. Isolamento do paciente, que nesta hora já estava impaciente. Queria despedir-se dos filhos, dos netos. Mulher já não tinha mais. Ela já “mudara de endereço” havia cinco anos. Mas despedidas eram proibidas.

E lá se foi a nave levando Seu Francisco. Ainda abanaram. Alguns choravam. Parecia que ia direto para o céu.

Lá na capital reinava o caos. Morria gente de monte. Tiveram que fazer grandes valas para enterrar tanta gente e fechar com retroescavadeira.

Assistiam aos noticiários aterrorizados. Mais tantos! Que Deus os tenha. Principalmente os velhinhos. Um neto perguntou: Por que esse corona prefere os

velhos? A mãe dele, não sabendo responder disse:

— Escuta, você já lavou as mãos como mandaram? E para de fazer pergunta besta.

— Depois de uma semana, uma das filhas resolveu telefonar para a capital para saber do pai. Demorou, mas conseguiu o número. Então disseram que, havia um número próprio para saber dos falecidos.

Ela ligou na tal central da morte;

— Alô. Queria saber do Francisco da Silva.

— Olha, tem dois Francisco da Silva falecidos. Eles foram enterrados na vala comum. Como vou saber qual é o seu pai?

— É um que foi levado de helicóptero do interior.

— Então provavelmente é o número 2. Mais uma informação?

— Não, obrigada.

Caíram no choro. Os netos não se conformavam. Durante dois dias foi só vizinho vindo saber. Um trouxe uma coroa.

Distribuíram os poucos bens do falecido. Sempre tem um mais pobre que aproveita. As roupas mais rotas queimaram.

No sábado se reuniram na casa duma filha mais aquinhada da sorte, que tinha televisão grande, e assistiram devotamente a um programa religioso, fazendo de conta que fosse de sétimo dia.

Retornaram quando o sol já estava de esgelha.

Tristonhamente foram caminhando pela estrada barrenta até a casa.

— Mas eu deixei os janelões fechados, como é que agora estão abertos?

— Ué! Será ladrão?

— Chegaram cautelosos. Mas quem apareceu na porta foi ninguém mais nem menos do que o Francisco.

Um dos netos, um tanto espevitado, ainda disse:

— Mas ele está morto e enterrado. Todos se achegaram lentamente naquela tristura, meio pasmos.

Com seu sorrisinho asmático, fez panca e declarou:

— Venham, minha gente estou vivo. Meu caso não era corona, mas simples pneumonia. Estou bom. Trouxeram-me há pouco. O que mais quero agora é tomar um banho e pôr outra roupa. Onde puseram?

Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop-MT

DESTINO

O córrego agarra-se às margens, quer ficar
É preciso que o córrego se vá
A cachoeira está a esperar...

A cachoeira agarra-se às pedras, quer ficar
É preciso que a cachoeira se vá
O rio está a esperar...

O rio agarra-se ao leito, quer ficar
É preciso que o rio se vá
O mar está a esperar...

O mar agarra-se à praia, quer ficar
É preciso que o mar se vá
O oceano está a esperar...

O oceano agarra-se ao abismo, quer ficar
É preciso que o oceano se vá
O Infinito está a esperar...

HISTÓRIAS DE LUA

A lua, no céu,
Faz companhia
Aos namorados
enamorados,
Aos amantes,
aos desamados

A lua, lá no céu,
Conta histórias
Faz histórias,
Lembra histórias...

Histórias de amor

De amores que vêm
De amores que vão
De amores que foram
Ou que jamais partirão

Cartas na Mesa

É chegada a hora, vamos conversar
Acorda menino, não é essa tua sina
Deitado em teu berço ainda a ninar
Gigante circo na américa latina.

Teu braço forte é híbrida melanina
Levanta a poeira, dá a volta por cima
Acorda menino, não é essa tua sina
É forte, não é morte e vida severina!

Acorda menino, não é essa tua sina
Cadê teu lenço, teu documento?
Se o formoso céu é teu alento
Não mais é a liberdade, cristalina!

Tua descoberta tão repentina
Tropical movimento de ruptura
Acorda menino, não é essa tua sina
Abaixo os porões da ditadura!

Circo, pão e serpentina
É o teu desejo, alegria, alegria?
Menino, não é essa tua sina
Alforria, alforria!!!

Calada Noite Preta

Nos recônditos de outrora
Muitas coisas não vi passar
A felicidade (?) inexistia
A criança muda e telepática
A rosa afogada em neblina
Era do Brasil, fora de Hiroshima

À beira do caminho incerto
Anos de chumbo deixaram
Muitas almas e vidas
Nos calabouços esquecidas

Aos secos, aos molhados e mutantes
Bárbaros estabeleceram epitáfio errante:
"tu não conhecerás a tenacidade do amor
tampouco a beleza do mundo
andarás a esmo, nas trevas
imerso em silêncio profundo!!!"

Castelo de vidro

Era uma vez um castelo de vidro, grande, transparente e cintilante. Tudo o que acontecia em seu interior fazia-se visto do lado de fora.

Lá dentro morava uma família, uma família de vidro, resplandecente, transparente, misteriosa, quebrada, estilhaçada, fragmentada; mas isso não podia ser visto do lado de fora. Escravizada pela boa impressão e presa às paredes transparentes. Privacidade era uma palavra que a tempos deixou-se levar pela vidraça da sala de jantar. À noite, quando o íntimo da casa se ascendia, era possível ver mais de perto os segredos que ela escondia.

No castelo de vidro morava um menino, um menino de vidro. Jovem, alto e desengonçado, ainda ousou dizer fofo. Sorriso largo e brilhante. Suas rachaduras ainda eram pequenas, de quedas, brigas e decepções. Cada som que sai de sua boca não passava de um mero ruído, se comparado aos estrondosos gritos de repreensão, palavras hostis e pensamentos cruéis muitas vezes proferidos em sua presença. Inaudíveis aos civis do lado de fora por vidros isolantes de sons.

Ah! Se os sentimentos e pensamentos tivessem cores e formas!

Os gritos mais ardentes seriam tão prateados como o trovão. Os xingamentos mais feios seriam tão marrons como árvores mortas. Sorrisos mais sinceros seriam tão brancos como as Montanhas nevadas na primavera. Os silêncios mais sensatos seriam tão amarelos quanto os girassóis, que estão sempre em busca da luz da passividade e sabedoria. Olhares mais intensos seriam tão vermelhos quanto o fogo nas forjas, calorosos e hipnotizantes. As paixões mais ridículas seriam tão verdes como os campos verdejantes, que tem sua graça em singelas gramíneas verde-limão.

Em castelos de vidro, as cores só podem ser vistas pelas almas mais humildes, que conseguem entender e mudar a cor de corações tão negros como o carvão, que vão perdendo as esperanças. Em nosso castelo de vidro, em meio a um ambiente monótono e homogêneo, pimentos coloridos começam a aparecer. No sorriso branco, e na capa amarela de um garoto de vidro.

Maria Cristina de Sa Pereira

Sinop-MT

"Neste poema quero homenagear dois grandes amigos, de longa data, que me acompanham, auxiliam e dão ideias que com certeza melhoram meus escritos: Bere e Jocafe obrigada."

???????

Cadê você, que meus olhos não veem?
Cadê você, que minha boca chama?
Cadê a chama do que poderia ter sido?
Cadê a chama do que foi?
Cadê a chama do que é?
Cadê a chama de alguém que ainda ama?
Cadê você que não me chama?

Não sei...
Saberemos???

Cadê você que não me chama?
Cadê a chama de alguém que ainda ama?
Cadê a chama do que é?
Cadê a chama do que foi?
Cadê a chama do que poderia ter sido?
Cadê você, que minha boca chama?
Cadê você, que meus olhos não veem?

Não sei,
Não sabemos?

DEUS EM MIM

Deus em mim
Deus em ti
Deus em nós
Deus em vós

Me transforma
Me cura
Me sara
Me forma

Deus junto
Deus aqui
Deus ali
Deus acolá

Será que vejo?
Será que sinto?
Será que creio?
Será que aceito?

Deus meu
Deus seu
Deus nosso
Deus vosso

Sempre comigo
Sempre contigo
Sempre Deus
E eu, filho seu.

Aparecida Ferreira Luis Galdino

Nova Mutum – MT

O livro

Eu tenho um amigo
Que é muito generoso,
Ele está sempre comigo,
Ele é um vitorioso.

Este super herói
Conhece o mundo inteiro,
Me leva sempre com ele
Sem que eu gaste dinheiro.

Já conheci desertos,
Mares e continentes,
Já conheci os costumes
E culturas de muita gente.

Este amigo é o livro.
Que está sempre comigo
Me transmitindo saber,
Me ajudando a vencer.

Eidi Néia Martins

Carlinda -MT

Escrevo sentimentos

Certo dia perguntou-me
Porque eu escrevia
E olha só quem diária
Que a resposta eu não teria.

Fiquei eu mesma a me perguntar
Porque as palavras numa folha colocar
Tinha sentido esse meu gostar?
De meus contemporâneos compartilhar?

Lembrei-me que certa vez
Um alguém em sua mão
Tinha um poema meu
Que dizia ter tocado seu coração
Outra vez, outra pessoa
Disse-me que é lindo ver
O sentimento que entoa
Das palavras que acabara de ler

Às vezes escrevo pra não esquecer
Às vezes escrevo pra acontecer
Às vezes escrevo pra lembrar
Às vezes escrevo pra não chorar

Às vezes escrevo coisas sem sentido
Palavras que parecem não casar
Às vezes escrevo coisas com todo sentido
Que por um instante até fazem sonhar
Vai depender de como esta, quem vai ler
De como as palavras vai absorver.

Porque escrevo então!
Para encher o coração
De quem pelas linhas os olhos correr
E sentir nas palavras que eu escrever
O sentimento de pura emoção.

Hoje é dia de lavar roupa

É madrugada
O galo canta já faz hora
Tá frio.
O vento sopra meu rosto ainda sonolento
Fogo aceso, café pronto.
Trouxa na cabeça
A caminho do rio
Roupa da semana inteira
Batedouro apanha, nem reclama.
Sujeira tirada a sabão de soda e sabugo
Minhas mãos, já grossas
Nesse vai e vem
Numa agitação ritmada e louca.
Hoje é sábado
Hoje é dia de lavar roupa.

(Relatos de minha sogra Dona Josefina, sobre os sábados na sua juventude).

Vania Gonçalves Castilho

Cuiabá-MT

Maternidade

Optar pela maternidade pelo fato de se ter um útero, por ser mulher, pelos julgamentos, por escolha ou erro, é um fato que não se pode ignorar, ser mulher não te capacita a ser mãe apenas de dá condições para....

Optar pela maternidade não te dá o direito de atribuir responsabilidades a terceiros, avós, estado, escola, sociedade, o fato de sua escolha implicará em um ser humano que a sociedade o receberá sem as benevolências ou negligencias acumuladas ao longo da vida por você e a conta é alta tanto para você quanto para seu filho e para a própria sociedade.

Optar pela maternidade implica em renúncia absoluta e infinita, uma vida dedicada e pensada em primeiro lugar para o filho, tudo que você representa consciente ou não implicará no caráter desse ser tanto para o bem como para o mal. É uma renúncia continua e diária onde demanda de cansaço físico, mental e espiritual... Deus como um Deus misericordioso toma o controle da sua vida e te da força pra cumprir com suas responsabilidade em relação a maternidade.

Optar pela maternidade te capacita nesse papel único e sublime que Deus deu a mulher em ser uma mãe, seja ela provedora, permissiva ou afetiva cada pessoa em sua particularidade e perfil pessoal tem tendências

bem definidas outras são transformadas com tal missão.

Optar pela maternidade pode implicar em investir tudo que você tem absolutamente tudo em alguém sem nenhuma garantia de retorno, investimentos financeiros com saúde, educação, alimentação, proteção, opção e responsabilidade em definir um perfil de família com suas próprias crenças, esperar que o filho seja melhor do que você foi, desejar o bem se alegrar com as realizações, entristecer com as decepções e superar tudo que a vida tem a oferecer, optar pela maternidade pode ser uma missão desenvolvida com maestria exatidão e competência.

Optar pela maternidade se sacrificar e fazer o melhor de você, ainda assim se você não recebeu amor, se não teve referência afetiva como poderá dar aquilo que nunca teve, ser mãe não implica em amar o filho, e tudo bem porque as mães são seres humanos falhos... Ainda assim sem receber o amor materno podemos conviver com essa realidade e ser gratos pela vida e por tudo que somos.

Mary Cloe

Bauru – SP

Olhar

Ao olhar para mim mesma,
percebo que o tempo, deixou
algumas coisas para trás...

Não senti o efeito do tempo,
quando dei por mim,
já era uma mulher...

O espelho afirma as marcas do meu rosto,
no coração as cicatrizes que me fazem ter
a certeza que tudo valeu à pena!

Não vivo nos padrões determinados pela
sociedade ou pessoas, na minha vida,
o amor sempre foi a bússola.

Dentro de mim há um mistério,
no qual não será revelado.
Que talvez nem eu mesma consiga me decifrar!

Tenho pressa de viver com intensidade,
Afinal...
Somos apenas, um instante!

Renascer

De uma árvore cortada, podada pelo tempo,
os galhos feridos e já sem frutos
a transparecer que eram o fim.
O tempo transcende minh'alma
adormecida.
Sinto um vulcão que flameja dentro de mim.
Essa chama queima e me consome...
A submersão me fez alienada e
anestesiada,
a ponto de não me encontrar.
Saí à minha procura.
Andei pelas ruas igrejas, praças,
teatros, restaurantes, cafés, vilas,
becos, casas casebres e até palacetes...
Os livros empoeirado nos armários,
as palavras perdida no tempo, as poesias jogadas
pela janela, outras engavetadas em folhas
amareladas.
O violão num canto qualquer, esquecido e mal
cuidado.
De repente uma chuva fora de época
caiu sobre mim
e como um renovo fez-me brotar e renascer
trazendo
a vida, em memória.
Vi no espelho meu rosto refletir como a luz do sol.
Vi a menina andando entre as
árvores com seus versos e sonhos
espalhando poesia.
Despertei!
Foi como ressurgir num encontro comigo mesmo.
A poesia me tomou e me trouxe à existência

Simone de Sousa Naedzold

Sinop – MT

O encantador de borboletas X

Iclew morava em Mato Grosso, Enomis em Santa Catarina. Duas realidades. Distâncias que pareciam intransponíveis. O pai de Júlio continuava a plantar e a mãe a trabalhar como doméstica. A mãe de Júlio já não trabalhava mais na casa das pessoas que tinham parentes vizinhos de Iclew. Mas um dia, quando os ex patrões de Enomis vieram visitar os parentes, Iclew tomou coragem e perguntou por Enomis. Foi nesta data que o mesmo pediu o endereço dela. Os ex patrões deram e Iclew começou a procura-la.

Passados uns meses sem novidades e sem encontra-la, Iclew resolveu procura-la no endereço que tinha. Chegou em Santa Catarina num domingo ao final da tarde. Foi até a casa de Enomis. Encontrou os pais e alguns irmãos, mas ela não estava. Ele ficou um pouco decepcionado, mas já que estava ali, já que tinha viajada de tão longe para encontrá-la, resolveu que voltaria na semana seguinte. Nesse ínterim, Enomis ficou sabendo que Iclew estava na cidade e no fim de semana veio para a casa dos pais.

Sábado bem cedo Iclew apareceu. Conversaram durante horas. As realidades eram tão semelhantes que parecia que se conheciam a muito tempo. As dificuldades na infância. A falta de oportunidade para os estudos. A pobreza de

suas famílias. As decepções da vida. As privações de todos os tipos, inclusive de comida. Iclew por viver sozinho tinha saúde frágil e estava muito doente.

As borboletas, para os pais de Júlio, neste tempo, já davam sinal de que algo iria ser diferente. Havia sempre uma por perto. No dia que se reencontraram, uma borboleta bem grande e preta voou pela casa dos pais de Enomis, entre as flores e pousou na parede pelo lado de fora da casa. Iclew lembrou que havia uma borboleta muito parecida com aquela quando ele estava conversando com os vizinhos para pedir o endereço de Enomis e quando decidiu vir encontrar-se com ela, uma borboleta também assim voou por dentro de sua humilde casa, vindo a pousar numa das árvores do pomar.

No período entre Enomis conhecer Iclew e os dois se reencontrarem houve muito sofrimento e angústias de ambas as partes. Iclew queria casar-se e havia se apaixonado por Enomis. Por muito tempo dedicou-se ao trabalho para não pensar nela, considerando a impossibilidade de revê-la. Enomis também havia se apaixonado por Iclew, mas a distância era enorme entre os dois. Enomis se imaginava sempre casada com Iclew, mas ao acordar de suas aventuras casadoiras, chorava, pois em seu coração havia a certeza de nunca mais se encontrarem.

Mesmo assim, neste dia, Enomis aceita casar-se com Iclew. Na semana seguinte viajam juntos para Mato Grosso.

Mafalda Moreno

Várzea Grande-MT

Só

Há muito tempo
Que vivo num deserto.
Sinto falta de tudo.
De atenção
Carinho
Abrço
Um sorriso
Ou simplesmente, um olhar.
Estou só
Sem uma voz humana
Que enriqueça o meu deserto,
Ou alguém que me faça companhia.
No silêncio, somos beneficiados.
Ninguém nos fere.
Estou só, tenho sede...
Sede de tudo.
Menos de Deus.
ELE é minha única esperança
E me faz companhia.
Estou cercada desse céu azul e calmo,
Tendo uma luz a me guiar,
E estando só
Mergulho nesse oceano de palavras.
Que desperta
Essa frenética vontade de poetizar.

Alento

Tarde linda,
Céu brilhante, Jardins solitários.
Ali estou.
Naquela praça, em busca de um alento.
Nessa calma, Deus fala.
E nesse silêncio, tudo se refaz.
Jesus ressuscita dentro de mim.
O vazio acabou ao meu redor.
Flores se abrindo,
Pássaros cantando.
O vento suave, as folhas balançam.
E ao longe, a nossa música.
Visão maravilhosa.
Gratidão
Sou feliz!

Andarilho

Rosto queimado
Cabelo engrenhado
Barba comprida
Camisa encardida
Unhas sujas
Pés rachados
Estômago vazio
A vida por um fio.
Comedor de trilhas
Sua fome de mundo é maior
Que a fome de pão.
É o parafuso que não se encaixa
Se nega a fazer parte do mecanismo
Olha de fora o ritmo da máquina
Consegue ver mais além.
As engrenagens o desdenham
E seu percurso desenham
A liberdade é estranha
Poucos a aceitam.
Na contramão da via
Desconstrói seu destino.

Dói Doído

Dó do coração
Dó de tecer um nó
Doído no coração
Doido de endoidecer
Dor no coração
Dó se agiu sem razão

Em apaixonado
Dói mais,
De endoidecer
Tecer um nó cego
Cegar o coração.
Dói de doer
De endoidecer
Dói de doído
De moer,
Coração moído.

Deu em doido
De endoidecer
Tecer um nó
Doído no coração
Que não tem dó
Haja com razão
para não terminar só.

Desafinação

Pandeiro na marcação

Violão na harmonia

Você na marcação

Nós na desarmonia.

Anna Figueira

Carlinda-MT

Identidade perdida a vida esquecida

Perdi minha identidade
socorro, não sei o que fazer.
Não sou mais eu, minha identidade
se desapareceu, quem sou eu?

Não sei mais, não sei se existo mais,
cadê a minha identidade? Ela está fora
da minha realidade, perdi.

Perdi, perdi, perdi quem sou eu?
quem sou eu? eu lhe pergunto novamente,
quem sou eu? estou fora da nossa realidade.
Contratempo, contra o tempo, com o tempo.

Estou desaparecendo, cada segundo
que se passa, um pedaço de mim desaparece,
cada segundo uma batida a menos no meu
coração,
qual é a razão da vida, sem a gentileza amiga,
que achou.

Mas ainda lhe pergunto, quem sou eu?
Você poderia me dizer?
E quem é você?
Me diga caro amigo, o mundo ainda não
está perdido.

Antonio Cesar

Sinop - MT

Insensatez abraçada

A vida
é uma joia *esquecida*
no chão da noite.

Olhando atentamente
por toda parte
dormem as possibilidades,

E doente,
a percepção cada vez mais *fraca e confusa*
se **esforça** para ouvir.

Porém
é *desnutrida* de lábios encharcados
de tempestade sonolenta.

— Quantas vezes
a selva sem fim
vai parar as almas pegajosas
de veneno negro e vazio?

As presas
mantém a criatura por perto.
Elas não se importam com a própria compaixão.

E arrepios **sofrem**
enquanto a joia
é desperdiçada
com tanta dor.

A doce magia "de um sonho"

A noite traz a tona os mistérios da sedução
No louco desejo palavras proferidas aguçam o
encantamento para o momento de fazer amor
A nudez sensual salienta
É o aflorar para a conquista efetivar
E mesmo nostálgica adormeci
E em meu sonho na madrugada você veio...
Visualizei nossos corpos nus
Você agarradinho em mim dormindo de conchinha
Foi quando senti seu membro delicioso e quente a
pulsar tocando o meu bumbum...
Enlouqueci de desejo
As mãos sincronizadas deslizaram percorrendo
delicadamente as curvas sinuosas do corpo seu
Do corpo meu
Pura sintonia
E nesse querer arrebatador os corpos se juntam agora
acoplados
A natureza cumpre a mais linda e doce das magias
O fundir dos corpos a perfeição do universo
E nós ali entregues ao anestésico do orgasmo e do
prazer
Neste sonho quase real nos amamos como loucos
Você veio, me fez a mulher mais feliz
Disfrutei cada segundo
Ali sem forças fiquei rindo como se não houvesse
amanhã.
Entregues ao êxtase da paixão
E nesse convulsionar de prazer
Me despertei
Ôh! E mesmo em sonho
Te amei como ninguém...

Valores importantes

Certa noite surpreendente
Um moço eu encontrei
Homem raro diferente
Muito especial
Sua simplicidade me conquistou
Me fez sentir respeitada
Importante
Amada
Uma vida idealizamos
Qual a forma melhor de se viver
Somaram-se atitudes de valor
Dentre elas a lealdade
A verdade...
Sempre por mais dura que fosse
Esta seria prioridade
Mas nem tudo é do nosso jeito
Assim todo perfeito
Muitas vezes omitimos coisa
Mesmo após juras feitas
Talvez para evitar a dor e o sofrimento
De quem realmente amamos
Deixamos o impulso falar mais alto
Sem nos darmos conta que ferimos e
torturamos
Como entender o que se passa na mente do
outro?
Mesmo após os momentos intensos
O pacto esqueceu
O caminho seguiu sem se dar conta
Que o ser amado

Já não anda ao seu lado
Ficou para tras esquecido
No tempo
E aqui estou eu
A espera do tempo
Tempo onde as pessoas se colocarão no lugar
do outro
Tempo onde prevalecerá a verdade
Tempo onde o omitir já não vale a pena
Alma nobre se ajusta
Evoluí
Se supera
Te surpreende.

Jean Carlos Dacroce de Campos

Sinop – MT

Seres invisíveis

Neste mundo há dois tipos de pessoas
As que vivem o momento
E, as que camuflam
Observando e tentando entender esses
sentimentos

Tais pessoas estão sempre em meio à multidão
Se camuflando entre os normais
Buscando entender a razão
De tais sentimentos confusos
Se o certo é a lógica e a razão
Ou seria o sentimento e a emoção

E assim, observam a multidão
Uma aglomeração da emoção
Alegria e tristeza
Timidez e safadeza
Boas ações e hediondas agressões
No meio de uma guerra de ódios e perdões
Amores e traições

E enfim chega à conclusão
Da qual não tinha solução
Vivendo, observando sem ser percebido
E, pensar que assim devia ter vivido

Escondido em seu próprio mundo
Como moribundo
Fugindo das dores do sentimento
O fez se isolar
Ali em seu próprio apartamento
Onde foi seu último alento
Antes de escapar do sofrimento

Jucieli Ferreira Da Silva

Lucas Do Rio Verde – MT

Sertão

Ó, sertão, quem és tu?
És o lindo céu azul
És o vento vindo do Sul
És o sabiá na figueira
És a água quente na chaleira
És o barulho da cachoeira

Quem és tu?

Ó, sertão, o que queres?
Queres uma vida singela
Queres viver sem cautela
Queres o toque da viola
Imitando o choro
De quem vai embora

O que queres?

Ó, sertão, onde estás?
Onde está minha felicidade
Onde está a liberdade
Onde está o trem dessa estação
Pra me levar pro meu sertão

Onde está?

Bianca Luísa Pagno
Lucas do Rio Verde – MT

Cordel de um sertanejo

Nasci num lugar triste
Pobre e sem riqueza
Era um lugar muito seco
Mas também tinha sua beleza
Minha vida foi difícil
Mas com alegria e com fineza*.

Esse espaço é o Sertão
Com caridade e respeito
Abriga pessoas pobres
Com o coração no peito
Batendo muito forte
Como se fosse perfeito.

Minha família de sertanejos
Vivia em uma choupana
Com o cercado de madeira
Num lugar bem bacana
Morava meu pai, minha mãe e eu
E minha irmã chamada Ana.

Quando cresci, fui pra faculdade
Estudar pra ser doutor
Sentia muita saudade
Mas precisava lutar mesmo com dor
Pra ajudar minha família
Que me educou com amor.

Agora estou feliz
Tenho um trabalho importante
Posso cuidar dos meus pais
Que me educaram bastante.
Vejo que toda a minha vida
Foi realmente muito emocionante.

(*Rica de felicidade)

Lucineide Fátima dos Santos

Nova Canaã do Norte

Doutor das abóboras

A solidão misturada com a nostalgia nos trazem à tona memórias, falas e dizeres há muito esquecidos e no desuso: "Pataca", quem já ouviu falar e sabe o que é? "Senhor das abóboras"? "Biscoito de sebo"? Ah! "Senhor dos anéis" já! Mas das abóboras?? Só meu pai mesmo!

De solidão eu entendo! Fiz dela minha parceira e conselheira; foi ela que me aconselhou: escreva! Você consegue! Não precisa ir longe, basta relembrar sua infância, adolescência e essa sua origem familiar meio pitoresca, fora de prumo que você tem...

E assim me iniciei no caminho das letras, pois árvores já plantei, filhos, já os tive! Então, agora só me faltava era escrever. Enveredo-me no caminho das letras, rumo às lembranças, memórias, causos escutados e na organização mental desse ofício magnânimo e introspectivo...

Como um matuto pode ser um verdadeiro lorde!? Mas pode! Era só observar seu jeito de ser, postura, e acima de tudo a educação!

Era de um finês sem igual, mesmo nos tempos de vaca magra, quando a colheita tinha ido para o brejo, seja por falta ou excesso de água. Ou ainda a geada que veio pra valer naquele ano e matou todo o cafezal, coalhado de flores, ficando tudo preto. As folhas caíram e só ficou o esqueleto do pé de café que teve que ser cortado, empilhado... O cheiro de queima, de folhas secas. O olhar

para o alto, o gesto de tirar o chapéu e as lágrimas nos olhos disfarçando para que ninguém visse...

Ele era um homem fino e elegante nas calças social, camisa de manga comprida e no sapato lustrado; o sapato podia ser velho, surrado, remendado com tachinhas no pé de ferro, mas era lustroso, impecável! Acho que foi o único homem que vi assistir futebol, as peladas de final de semana, no campinho perto de casa, de roupa social. Minha mãe conta que quando o conheceu, usava terno de linho branco. Pena não ter esses registros em fotos. Coisa rara no passado.

Lembro-me dos dias de inverno quando ele ia nos buscar no quarto, um a um, os mais miúdos, enrolados na cobertinha seca-poço, ia até a bacia de água e dava uma lavada no rosto para espertar do sono e nos colocava na cadeira a beira do fogão à lenha e nos entregava uma caneca de esmalte com café ralinho, o último do coador que minha mãe deixava para as crianças. Nem sempre tinha pão, mas tinha uma polenta assada na chapa, batata doce na cinza, um bolinho frito. Assim era minha vida e dos meus irmãos, nas manhãs de inverno paranaense.

Aprendi a ler antes de ir à escola, contar e amarrar cadarço do sapato, pregar botão e dar nó na linha com a agulha, tudo foi ele que ensinou. Geralmente ele nos ensinava a ler num livro de gramática ou ainda nos livros religiosos que habitavam nossa casa.

Quando ia à cidade, vender cereais, ou comprar alguma coisa, ficávamos olhando no carreador se já vinha! Sempre tinha novidades. Balas no bolso, pão de padaria, goiabada em lata e a prosa de como foram as coisas na cidade.

Apesar desse amor imenso por nós, seus dez filhos, ele era sério, nos reprendia quando fazíamos arte ou inventávamos uma mentirinha, coisa de criança; mas

quando era algo, mais feio, o castigo vinha. E nessa hora apanhávamos no coletivo. A vara de pessegueiro ou goiaba comandava, apanhava quem fez, quem contou (dedurou), quem deu rizada, entrou em cena e até quem não tinha nada a ver com o peixe! Mas após uns soluços, cara vermelha e bunda ardendo, as coisas voltavam ao normal e evitávamos certas artes até esquecermos as varadas.

Quando digo que ele era sério, era em todos os sentidos. Quando fazia algum negócio, troca ou acordo de boca, cumpria, mesmo que algumas vezes levasse prejuízo, ou quando a natureza não colaborava, no caso de empréstimo ou troca de colheita. Naquela época os trabalhadores da roça, os lavradores eram tidos como pessoas sem instrução, sem conhecimento, os chamados caipiras. Inteligentes eram as pessoas da cidade, que tinham estudo, que andavam bem vestidos, que tinham carro ou cavalo bem arriado.

Às vezes acontecia desse “pessoar granfino” aparecer na roça e dar uns pitacos sobre a colheita, plantio ou até sobre medicação para plantas, bichos e gente. Quando isso ocorria meu pai recebia esse povo com a maior educação, fosse lá na roça ou em casa. Quando era em casa, chamava para entrar e já pedia pra um de nós que estava perto (sempre que aparecia alguém, por curiosidade ficávamos beirando para saber do que tratava): “fulano fala para sua mãe fazê um café”. Era um privilégio receber tal ordem. Quando estava pronto, minha mãe ajeitava as xícaras num prato e o bule na mão e levava para a visita. Se tivesse um bolo ou pão, também era oferecido para a visita e se fosse na hora do almoço a visita era convidada para almoçar e minha mãe falava sempre que não era para reparar na mistura. Depois de muito “lero” meu pai perguntava à pessoa o que ela queria e ouvia com toda a atenção, mesmo que não acreditasse ou fosse algo que ele

já conhecia ou que fosse “conversa para boi dormir”. Mesmo irritado pela perda de tempo, ele não maltratava. Ah! Mas quando a visita sumia das vistas, meu pai soltava a ira dele: quem esse fulano pensa que é? Esse “doutor das abóboras”, não sabe de nada, grã-fino metido a besta! “Biscoito de sebo” que acha que sabe tudo. Essa fala era o “chavão” que ele identificava as pessoas que se achavam a dona do saber. Ele sim, que sabia das coisas...

Meu pai, foi meu herói que matava as raposas que vinham comer as galinhas no poleiro, era meu Papai-Noel que colocava grama ou capim no sapato na véspera de natal e trocava por um presente. Meu pai era o médico que curava nossas dores com um “causo” e que fazia irmos dormir com medo das histórias de lobisomem, assombração. Foi ainda o provador oficial das minhas experiências culinárias e que adorava o “Chico Balançado” que eu fazia. Mesmo quando com alzheimer, não sabia quem eu era, mas eu sabia quem ele era! E isso é o que importava.

Agradeço imensamente a Deus pelo privilégio de ter convivido com ele mais do que todos meus irmãos e por ele ter contado as mesmas histórias que contou para mim, a meus filhos. Foi e sempre será meu “SENHOR DAS ABÓBORAS”.

Emmanuel Bogado
Asunción Paraguay

Soy un viajero

Viaje sin boleto...
Me gusta mi país me gusta este lugar me gusta este
momento
Agosto y notas rojas anoto en mi cuaderno
Porque cuando no estás los días se acortan en la noche es
invierno, nos sentamos en su cama
Nos sentimos culpables
Las olas del mar esa noche
Iban sonando una dulce tonada
Tu me sonreías lindo
Yo como loco esperado
Cómo uva en vino tinto
Dos amores a puñados
En mis sueños te veo y despierto llorando,
Cuadro con rosas y espadas
Un compañero de trabajo dos amigas una es novia
Mi novia y un primo
Estoy en mi cuarto a oscuras y se me aclara la mente
Porque ya no estas aquí obsequiando-me tu luz?
Por quitarte tu corona?
Sueño despierto contigo
Extraño tu mirada
Año de locura
Baño de sentimientos encontrados
Locura infinita de pasión
Ataduras que sostienen tu alma y la mía
En medida contemplo tu imagen
Dura toda una eternidad el silencio
Medir este sentimiento

Decir todo lo que pienso
Sentir todo lo que siento
Oír tu corazón! El mio a fuego intenso
Sólo nosotros y el tiempo

Somos uno

Siento que mi corazón enciende
Y tu eres la que mi alma entiende
Toma mi mano y escapemos de la oscuridad
Mantente con fuerza a mi lado siempre
Dime todo lo que por mi tu sientes
Toma mi mano y escapemos de la obscuridad
Cuéntame cuales son todos tus sueños
Cuenta, se que ellos son eternos
Toma mi mano y escapemos de la oscuridad
Cuídate de los pensamientos tristes
Aunque lejos de mi estás
En mi corazón tu vives
Toma mi mano y escapemos de la oscuridad
Se que todo esto está empezando
Siento en mi alma, tú, me estas llamando
Toma mi mano y escapemos de la obscuridad
Sólo queda una cosa por hacer
No tengas miedo, juntos somos el fenix
Y es momento de renacer.
Toma mi mano y escapemos de la oscuridad.

Paz

Geneticamente, mult descendência.

Ambiente, tropical.

Cultura, “caliente”.

Bomba relógio,

as mulheres.

O tempo dessa bomba chegou,

o fio acabou

As mulheres,

que seguraram essa, engolindo cores,

vontades, liberdades;

soltaram a corda,

e a bomba está explodindo.

Não uma explosão repentina e destrutiva.

É uma explosão em ritmo compassado,

uma bomba que se abre aos poucos,

que anda de salto alto

e vai conquistando as ruas,

os trabalhos, as casas, os maridos, os homens.

Sem pudores, se entregam, se pintam,

se embelezam, se fodem, caem, se levantam,

seguem em frente e dançam a música dos tempos,

com a facilidade de matriarca, que já foi ancestral.

Uma leve dificuldade, às vezes: a dosagem.

Algumas ainda ficam na clausura,

ligadas ao romantismo da mulher ideal.

Outras passam o limite, atropelando seu homem e a

paz.

Outras ainda, são sensatas, inteligentes

avançam com maestria, o que nasceram para fazer,

sendo a mulher ideal para si mesmas.

A nova mulher prova tudo,
pratica o que a cultura ainda estabelecida exige,
ao mesmo tempo que vive.

Sua feminilidade, sua sede de liberdade.

Pode ser hipócrita.

Como também pode ser estratégica.

Um tema para estudos, especialistas.

Liberdade e santidade velada?

Não sei.

Há mais audaciosas, que encaram,
declaram, assumem publicamente,
administram os preconceitos.

A bomba mulher,
ao bancar-se financeiramente,
dá a mínima para os julgamentos,
para os apontamentos, e,
com a coragem de super-heroínas,
se posicionam melhor no palco da vida.
Em palavras, em músicas, em telas,
em nada de novelas!

A vida real é que é delas.

Por fim, não se pode esquecer das revoltadas,
vingativas, raivosas, que embarcam
nessa *tsunami* do contexto e “descem a ripa”,
se drogam, pegam em armas, abandonam os filhos,
se prostituem por vingança do seu próprio corpo,
por terem nascido mulheres, femininas.

Haverá, em breve, muito breve,
o tempo do equilíbrio.

O vulcão mulher, derramado,
de cinzas à fertilidade da terra, será paz.
É a essência.

Iziz de Andrade

Sinop -MT

Na passagem do tempo

O grão de areia cai lentamente
Amontoando-se no fundo da ampulheta do tempo
Dourada como ouro, fina como o fio da vida
Com ela escoam-se sonhos e purificam-se ilusões,
Desfazem-se pesadelos nas brumas abençoadas do tempo
Esquecem-se mágoas,
Cicatrizam-se feridas tidas como perpétuas
Deixando marcas no invólucro frágil do corpo humano
Sulcos gravados não só na pele como no coração
E no brilho do olhar desce uma névoa com cor de passado
Deixando transparecer o entardecer de uma existência
Da juventude do sorriso resta um esboço de tempos idos
Onde força e vigor eram bens inesgotáveis que jorrava
Espontaneamente colorindo o passado e prometendo futuro
Sem compromisso
Embalado na irresponsabilidade.
Só uma coisa escapa as arranhaduras do tempo, feliz ou
infelizmente, "A Alma".
Esta, imune, aprisionada neste corpo corrompido, clama
Quer liberdade para alçar voo rumo ao infinito
Onde a juventude não é um espaço de tempo, mas sim, seu
cavalo ALADO
Que a levará por mundos que nem a mente do poeta pode
inda penetrar,
Pois este reino só a ela pertence.

A Poesia

Na poesia posso derramar o que me vai por dentro d'alma
Sem ser condenada por sentimentos antiquados,
incompreendidos

Posso sonhar sua boca, sem preconceito, suas mãos
atrevidas

Em ter o gosto do pecado entranhado a uma consciência
pré-moldada.

Desenhar letras temperadas na saudade, na ansiedade

Vomitando sonhos, fantasias envoltas na névoa da irrealdade

Expurgar desejos indômitos, adormecidos sob o ar da
santidade.

Navegar por mundos desejados por todos

Temidos

Inconfessados

Profanar templos de segredos guardados

Confessar pecados acariciados

E gritar o desespero de um corpo

Em orgasmos intensos.

Transformando a maldade da imoralidade

Em sentimentos perpetuados e compreendidos

Por almas indomáveis, livres

Que beberão nestes versos o vinho da irmandade.

Camila Lazarotto

Sinop – MT

Lembranças

Entre tantas maneiras,
De sonhar
Resolvi, cantarolar
Para não me acabar
De tanto chorar!

Não me perder em pretexto
Apenas no contexto,
Pensamentos distantes
Coração palpitante

Cheiro de terra molhada
Vindo da serra, me faz lembrar
Dos momentos cativantes
Que vieram para ficar,

Saudade vem à tona
Todo fim de tarde,
Mas de um tempo para cá
Não tem hora para chegar!

Maria Fernanda Ferreira Lopes

Sinop – MT

Ostra

Nascida com cor
Condenada a dor
Medida, comparada, limitada
Julgada por sua pouca beleza
Abandonada.

Filha da imensidão
Fez da dor força
Do seu tamanho resistência
Criou-se perfeita
Dentro de si

Guardou sua criação
A esculpiu de cada grão
palavras, renúncias
Fechou.

Fez nascer o que guardou
sua morte
julgada
Imaginada, subjugada
Dona das joias do mar
A ostra
Fez de sua filha pérola
Nascida do sofrimento
Provar o que Rubem Alves falava
Ostra feliz não faz pérola.

Somos intensidade
Amamos muito
Na mesma proporção que criamos caos
Escrevi

Todos os lados
nós
amantes distantes

Intensamente sentimos
T U D O
É como um órgão
Sentimentos expostos na mesa

Altamente perigoso
Fragueis
Inofensivos
Amantes extremamente abertos

Vendi a alma ao diabo
Quando decidi amar
Sabe bem o motivo
Altamente contagiados
Por sincronias desiguais

Não somos opostos
Talvez sinônimos
Quero ser tua
Só que as vezes não sou eu
E não entendeste
Pedi-me ali
Então chorei meu oceano
Um imensidão minha
Fui puramente ela
E te afastei, afogou-se

Minha beleza fez chegar à praia
E minhas águas te afogaram
Te vi morrer em mim
Devolvi teu corpo ao litoral
Voltou fielmente as minhas águas
E morreu em meu amor.

Marcilene Cavalcante S. Cervantes

Sinop – MT

O despertar

No desenrolar de uma tarde de verão, dividindo o mesmo espaço, haviam dezenas de rostinhos tentando beber gota a gota o néctar do conhecimento. Eles estavam compenetrados. Franziam a testa em meio a uma agitação frenética, desencadeada pelo intenso calor. O que eles buscavam? Estariam embebecidos em suas galáxias adolescentes? O certo é que as ideias fervilhavam nas mentes dos pobres diabos.

Embora eles tentassem se esmerar do frêmito utópico de suas insígnias juvenis, perdiam-se nos códigos literários, numéricos, desenvolvimento de células, platonismos, entre outros conhecimentos. Expressões e movimentos, como num ápice de socorro deixavam transparecer seus pensamentos. Mas será que a resposta correta dessa questão é a A!? E, em meio a tanta agitação, meneando a cabeça, ouvia-se um estalo doentio de certa alma desesperada. Meu Deus! Eu deveria ter prestado mais atenção nas aulas. Ah! Mas aquela professora é muito chata, e além disso não entendo nada do que ela explica. E aquele outro professor, a voz dele é irritante, sonso, esse é o adjetivo que lhe cai bem, isso sim! E assim o tempo passava.

Em meio a tantos rostos, um chamava mais atenção. Franzino, pálido, olhos esbugalhados e a respiração arfante

denunciavam seu estado de torpes. João era seu nome. Sem que se ouvisse o som de sua voz, percebia-se o a forma espectral de seus pensamentos, dando-lhe punhaladas enquanto sussurrava: até quando pretendes envergonhar-me!? Quisera Deus me ter criado em outro ser menos enfadonho, a ter que compartilhar o mesmo engano de sua mente oca e ociosa, sem o desejo de alçar voo na imensidão do desconhecido. Por que não despertas infame!? Pois ainda há um resquício de esperança para ti, ser alienado! Embebe-te do conhecimento que todos os dias deseja regar teu labirinto sombrio. Saia da escuridão que te abate, regozija-te no novo, tenhas coragem de ousar! Abra a janela e deixe a luz invadir teu pequeno ser, para que com sorte a ignorância se retire de ti, libertando-o da cegueira que ceifa tua glória. Acoorda Joããão!

Por um instante pude apiedar-me da pobre alma, mortificada pela insensatez que denegria seu estado puro de ser. Mas isso foi apenas por um momento, logo me recompus. E ele, o inerte!? Ele continuava ali, afundado da cadeira, sentindo pena de si. Às vezes corria os olhos em um colega no intuito de pedir-lhe socorro, mas era em vão.

Ao perceber a sala quase vazia, num ato heroico, aquele serzinho começou a marcar as alternativas da tão escabrosa avaliação unificada. E como gotículas de orvalho, seus pensamentos mais uma vez o esbofeteava enquanto dizia: tenhas pena de mim, porque não mereço sofrer tal humilhação, encare a realidade e não seja covarde diante da luta, não deixe que sorriem da

tua estupidez! Se hoje estás perdido no meio do nada, amanhã poderás conquistar o universo, disso depende apenas uma atitude. – Atitude!? João corou, e meio atônito olhou para os lados na tentativa de compreender aquela expressão e logo o sangue dissipou de sua face, tornando-a empaltecida. E tomado por um sentimento de vergonha, pensou: porque tenho me comportado tão mal? Preciso rever meus conceitos em relação a vida, porque só agora vejo que cego é aquele que tem olhos e não enxerga as oportunidades que a vida lhe dá; e mudo aquele que só ouvi o que lhe convém ouvir e coxo aquele que não deseja caminhar com suas próprias pernas, a fim de abrilhantar seu futuro. Tendo dito isto, o menino prometeu para si que dali em diante faria tudo diferente. Prestaria mais atenção nas aulas, trataria os professores e os colegas com mais respeito e acima de tudo honraria a sua pessoa interior – o seu “eu”, o qual poderia transladar-lhe para mundos encantados, em que todos os sonhos não sejam apenas fruto da imaginação de um sonhador, mas, sim, fruto de um esforço e desejo de alcançar o verdadeiro conhecimento, este escondido nas entrelinhas do saber, o qual é capaz de elevar o homem ao seu estado pleno, que é a conquista não apenas de um conhecimento limitado, mas sim de um estado maior; a sabedoria.

Marilene Sousa Henning

Peixoto de Azevedo - MT

Menino do mato

Menino do mato
O teu sorriso tímido
Logo me chamou a atenção
Pois vi a tristeza, escondida em teu coração
Senti, que dentro de teu peito
Havia aquela dor doída
Que rasga as entranhas
Machucando teu coração!
Meus olhos se encheram de lágrimas
Por ver aquele menino, de olhos tão tristes,
Sem rumo, sem direção!
Meu coração se compadeceu
Minh'alma chorou
Em ver aquele ser humano
Igual bichinho do mato,
Sem teto, sem chão, sem pão!
Mas para minha surpresa
Ele me estendeu a mão
Segurei-a com força
E disse-lhe:
Venha, vou lhe tirar da contramão,
Você pode mudar o mundo,
Mesmo sendo menino do mato,
Amor, há em teu coração!

Teu jeito de me olhar

Teu jeito de me olhar
É como diz os ditos popular:
Olhar de cachorro pidão
Olhar de peixe morto
Olhar de cachorro que caiu da mudança
Olhar de ressaca
Olhar de quero mais
Olhar de quem diz:
- Vem cá, quero te abraçar!
Teu olhar é uma mistura de tudo,
De querer abraçar, beijar, namorar!
Quando vejo teu olhar "me secando",
Meus olhos vão de encontro aos teus.
E nesse encantamento, de olho no olho,
Sinto-me amada e querida por ti.
Então, amo "esses jeitos" de olhar, me amar!
E isso faz eu te querer cada vez mais,
Pois, esse olhar, sabe me encantar!

Manoel Rodrigues Leite

Sinop – MT

SONHOS FALSOS

Olho para o que fiz, e sinto-me que fui enganado. Disseram que os sonhos quando realizados nos deixam felizes e completos. Então por quais razões me sinto tão infeliz e incompleto, há um vazio como se o que resta agora após mais um sonho realizado, é tão somente uma solidão maior dentro da alma.

Talvez poucos me compreendam. Meus amigos sempre dizem

— Você tem tudo! Você Adalberto consegue tudo que quer. Acho até que o seu nome deveria ser Vitóriao.

Brincam como se as vitórias não fossem alcançadas nas batalhas, e muitas delas bem sangrentas.

— Apenas tenho sorte! Mas felizes são vocês!

Falo para disfarçar a inveja que sinto ao perceber a felicidade dos companheiros.

Acredito que não sou o único. Na faculdade de arquitetura que eu fiz e até que me sair bem (mesmo sem me esforçar) vi muitas pessoas ansiosas por mudar o mundo, como dizia o professor Reginaldo:

— O concreto também é belo! Será obrigação de vocês fazerem de nossas cidades um lugar mais belo, e não apenas prático. Os

seus sonhos serão realizar os sonhos de seus clientes!

— Mas o que acontece se os sonhos não forem os mesmos? (perguntava sempre alguém quando queria vê-lo nervoso, e distrair um pouco durante a aula).

— Isso não acontecerá! Vocês saberão mostrar o melhor para seus clientes, e eles agradecerão quando tudo tiver concluído.

É mais os sonhos são bem distintos. Existem aqueles que querem praticidade, só que esses até que não são tão chatos, apenas objetivos e não querem ostentar. Os que realmente são difíceis são aqueles que constroem castelos e nunca entram dentro dele. Fazem um mundo para os outros, para demonstrar que possuem algo que não desfrutam, são os que exigem aparadores de gravatas sem nunca colocar um terno. Esses sim são mais difíceis pois o melhor sempre é sua ideia, mesmo que depois não funcione e a culpa será sempre sua, pois você enquanto arquiteto não previu o seu futuro. Os arquitetos não são muito bons em prever filhos que não nascem, promoções que demoram, transferências de emprego sem aviso prévio, e o pior de tudo, divórcios e fim de relacionamentos. Afinal, os projetos esquecem que as pessoas mudam e, o tempo corrói os sonhos e enrugam o corpo, e para muitos apodrece o espírito.

Hoje sou dono de uma grande empresa de arquitetura. O lema é "o nosso sonho é construir o seu", e muito comum eu sei mais é mais estético do que simplesmente "nos paga que construímos qualquer coisa que você quiser". Meus colaboradores acreditam nos sonhos de fazermos os clientes felizes. Já eu apenas exijo lucro e expansão dos negócios, o porquê eu não sei, apenas vi que sonhos não são tão maravilhosos quando compramos sem realmente precisarmos dele.

Talvez me candidate na próxima eleição. Já me falaram que eu tenho atitude de político, que tenho um grande carisma e um potencial maior ainda. É possível que o desafio me anime. Mas quando eu alcançar será mais um falso sonho. Apenas mais um sonho que nunca fora meu, algo que o outro se sinta bem. E para eu que não acredito em sonho seja apenas um passa tempo fugaz até o momento de me permitir viver outros sonhos. Pois hoje sei que todos sonho é falso quando não é da gente, e muito menos se sabe o que fazer com ele. E o pior para que sonhar se tudo é passageiro e ao despertar o vazio interior ainda continua.

ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!
A História acontece...

WhatsApp (66) 99643-5501
Ações Literárias



EDITORA

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 - SINOP - 78.551-350
FONE (66) 99643-5501
www.escritorescontemporaneos.com.br
www.saberesonline.com.br